

# O cuidar, o curar e as encantarias na perspectiva de idosos ribeirinhos da Amazônia Amapaense

Care, healing, and enchantments from the perspective of elderly riverside residents of the Amapá Amazon

Vitor Sousa Cunha Nery<sup>1,2,3\*</sup> , Alder de Sousa Dias<sup>1,4</sup> , Cristiane do Socorro dos Santos Nery<sup>1,5</sup> , Rogério Andrade Maciel<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Belém, PA, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Programa de Pós-graduação Profissinal em Ensino de História, Macapá, AP, Brasil

<sup>3</sup>Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Curso de Licenciatura em Pedagogia, Macapá, AP, Brasil

<sup>4</sup>Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Mazagão, AP, Brasil

<sup>5</sup>Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Oiapoque, AP, Brasil

<sup>6</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA), Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, PA, Brasil

**COMO CITAR:** NERY, V. S. C. et al. O cuidar, o curar e as encantarias na perspectiva de idosos ribeirinhos da Amazônia Amapaense. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 19, spe 3, e19474, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.1947401>

## Resumo

O artigo tematiza saberes culturais a partir da enunciação de idosos amazônico-amapaenses. Tem como objetivo analisar os saberes dos idosos, na perspectiva do cuidar, do curar e das encantarias, na Amazônia Amapaense. Os percursos metodológicos resultam de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, em associação com a cartografia, a história oral e a pesquisa de caráter descritivo. Os colaboradores foram treze idosos de diferentes territórios amazônico-amapaenses. Foram realizadas entrevistas ao longo de várias visitas, cujos saberes foram sistematizados e analisados a partir de elementos da análise de conteúdo. Os dados foram gerados por ocasião de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida no âmbito da Universidade do Estado do Amapá, em parceria com demais instituições. Constatou-se, nos resultados, que os saberes e as práticas culturais do cuidar, do curar e as encantarias contribuem para o bem-estar e a qualidade de vida desses idosos amapaenses. Além disso, a pesquisa também destacou a importância de se pensar em políticas públicas e ações voltadas para o cuidado dos idosos nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

**Palavras-chave:** saberes do cuidar; saberes do curar; saberes das encantarias, idosos ribeirinhos.

## Abstract

The article discusses cultural knowledge from the perspective of the elderly in the Amazon region of Amapá. Its aim is to analyze the knowledge of the elderly from the perspective of care, healing and enchantment in the Amazon region of Amapá. The methodological paths are the result of field research with a qualitative approach, in association with cartography, oral history and descriptive research. The collaborators were thirteen elderly people from different territories in the Amazon region of Amapá. The interviews were conducted over several visits, and their knowledge was systematized and analyzed using elements of content analysis. The data was generated as part of a wider study carried out at Amapá State University, in partnership with other institutions. The results showed that knowledge and cultural practices of care, healing and enchantment contribute to the well-being and quality of life of these elderly people in Amapá. In addition, the research also highlighted the importance of thinking about public policies and actions aimed at caring for the elderly in the riverside communities of the Amazon.

**Keywords:** knowledge of care; knowledge of healing; knowledge of enchantment; elderly riverine people.

### \*Autor correspondente:

vitor.nery@ueap.edu.br

**Submetido:** Julho 12, 2024

**Revisado:** Agosto 23, 2024

**Aprovado:** Novembro 27, 2024

**Fonte de financiamento:** nada a declarar.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

### Aprovação do comitê de ética:

CAAE: 46529321.7.0000.0003.

Número do Parecer: 4.855.816.

**Disponibilidade de dados:** Não se aplica.

Trabalho realizado no contexto sociocultural da Amazônia amapaense, por meio de uma pesquisa interinstitucional, tendo por sede a Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá, AP, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo, ao tematizar saberes de idosos que têm por enunciação a Amazônia amapaense ribeirinha, tem por objetivo analisar os saberes dos idosos ribeirinhos na perspectiva do cuidar, do curar e de suas relações com as encantarias na Amazônia Amapaense. Desdobre-se de uma pesquisa institucional mais ampla realizada no contexto da Universidade do Estado do Amapá, por meio do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação na Amazonia Amapaense – GEPEA, cuja metodologia se deu por meio de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, em associação com a cartografia, a história oral e a pesquisa descritiva. Os sujeitos foram treze idosos de diferentes territórios amazônico-amapaenses.

Primeiramente, consideramos que a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) alerta que o envelhecimento da população está ocorrendo mais rapidamente em países menos desenvolvidos, sendo que, em 2050, 80% dos idosos em todo mundo viverão nesses países, conseqüentemente, com menos respostas imediatas às demandas relacionadas à infraestrutura, serviços de saúde e outros instrumentos para lidar com essa transição social importante (Organização Pan-Americana de Saúde, 2017). Vale salientar que o Brasil levará apenas 20 anos para sofrer essa transformação demográfica.

No Brasil, a pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos de idade. Estatisticamente, aproximadamente 9% da população brasileira atualmente é composta por pessoas com mais de 60 anos. Estima-se que, até 2025, esse número aumentará significativamente, chegando a cerca de 32 milhões de idosos e idosas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018) aponta que em 2040 teremos mais idosos que pessoas jovens, 21,9% e 15,4%, respectivamente. Atualmente, são 43,2 crianças até 14 anos para cada grupo de 100 idosos com 60 anos ou mais. Até 2060, o percentual de pessoas com mais de 65 anos passará dos atuais 9,2% para 25,5%, ou seja, para cada quatro brasileiros, haverá um idoso.

Além disso, é importante ressaltar que a maioria das pessoas idosas reside em áreas rurais. Esses dados indicam que o perfil demográfico do Brasil está passando por uma transição, deixando de ser um “país de jovens” e se tornando uma nação com uma população cada vez mais envelhecida.

No estatuto do Idoso (Brasil, 2003), em seu artigo 8º, no capítulo I, sobre o direito à vida, o estado tem por obrigação o de disponibilizar [...] “[...] à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade” [...]. Logo, os saberes e práticas culturais dos idosos devem ser legitimados pelas instâncias federais, estaduais e municipais enquanto reconhecimento de políticas públicas nos documentos prescritos para os idosos.

No caso da Amazônia, temos que as comunidades ribeirinhas são grupos sociais heterogêneos cujo modo de vida e práticas socioculturais estão intimamente ligados à natureza e aos ecossistemas da região. Essa relação simbiótica com a natureza gera um forte sentimento de pertencimento, baseado não apenas na ideia de propriedade, mas em uma identidade compartilhada de afeto e respeito pelo ambiente em que vivem. Essas comunidades são reconhecidas por suas territorialidades, que representam lugares concretos de vida e também espaços de resistência e luta pela preservação de suas tradições e pelo envelhecimento sustentável dessas comunidades.

A Amazônia amapaense representa uma das formas menos conhecidas dos espaços rurais no Brasil. Nessa região, a vida é moldada pelo ritmo das águas e pelos caminhos que elas percorrem. A vastidão das florestas ao redor de rios, lagos, igarapés e igapós abriga comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, que são os principais grupos de populações tradicionais da Amazônia brasileira. Entre esses grupos, os ribeirinhos são os mais numerosos e dependem dos recursos da natureza para sua subsistência, mas mantendo uma relação ancestral com o ambiente ao seu redor.

Por isso, reconhecer a memória dos idosos e valorizar suas diversas culturas amazônicas implica em valorizar e respeitar os saberes e práticas culturais que fazem parte de suas experiências de vida. Nesse processo de reconhecimento, a educação desempenha um papel fundamental, pois precisa estar aberta aos desdobramentos resultantes da interação do sujeito, com seu ambiente de vida e sua cultura.

Consideramos que a educação deve ser sensível e inclusiva, considerando as diferentes perspectivas e conhecimentos dos idosos. Isso envolve promover espaços de diálogo intergeracional, onde as gerações mais jovens possam aprender com a sabedoria e experiência

dos mais velhos e vice-versa. Além disso, é importante que as instituições educacionais valorizem e incorporem os saberes e práticas culturais amazônicas, garantindo que esses conhecimentos sejam transmitidos e preservados.

O debate sobre os saberes dos idosos ribeirinhos enriquece nossa sociedade como um todo, promovendo a diversidade cultural e fortalecendo os laços entre as gerações. É um processo contínuo de aprendizado mútuo, no qual a educação desempenha um papel essencial na promoção da inclusão e no respeito à diversidade.

Os registros apontados no presente artigo incidem como provocação aos poderes públicos, no sentido de promover a implementação de políticas públicas que atendam às necessidades dos idosos no Brasil, principalmente os localizados nas territorialidades Amazônicas. Além disso, os resultados deste estudo servem como embasamento para o desenvolvimento de ações e programas específicos voltados para as áreas ribeirinhas, levando em consideração as particularidades e demandas dos idosos.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

O presente artigo resulta de uma pesquisa de campo, ocorrida em diversos contextos socioculturais da Amazônia amapaense. Por esse motivo, contou com um complexo arranjo epistemológico e metodológico. Trata-se, então, de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa (Minayo, 2014), ancorada na cartografia, na história oral, tendo-se por característica central a descrição dos dados.

A cartografia de saberes (Oliveira; Mota Neto, 2004) envolve compreensão e interpretação das vidas de sujeitos, assim como de dados grupos em relação a temas específicos. Permite mapear e esquadrihar conhecimentos e experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscando uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados. Também conjugamos tal compreensão à concepção de cartografia simbólica de Santos (2006), que permite identificar as estruturas de representações dos diversos campos do saber sobre a realidade social. Isso significa que essa abordagem busca mapear e compreender as diferentes formas de conhecimento e representação que existem em relação à realidade social.

Confluímos a cartografia à história oral porque essa possui um potencial epistemológico significativo ao permitir a produção de conhecimento crítico, sobretudo por considerar que a tradição oral não é meramente uma nova fonte para a historiografia, mas uma forma de produção de conhecimento (Mignolo, 2002). Isso significa que o conhecimento é construído não apenas por meio da teoria, mas também por meio da experiência prática e das interações entre os diferentes atores envolvidos, tornando-o mais relevante e aplicável, na medida em que é possível acessar e registrar as experiências individuais e coletivas de pessoas que viveram determinados eventos, trazendo à tona evidências dos fatos vividos na sociedade.

O narrador, nesse contexto, é equiparado ao cientista social, filósofo ou crítico social, eliminando, assim, a diferença epistêmica colonial entre os sujeitos que conhecem e os objetos de conhecimento. Motivo pelo qual optamos por denominá-los de coprodutores da pesquisa, em condição antropológica de igualdade com os demais sujeitos que têm vínculos institucionais, como o caso de professores e pesquisadores.

Durante a pesquisa a partir da qual se produziu o presente artigo, foram realizadas atividades de campo ao longo de três meses, envolvendo cinco comunidades: Rio Preto; Rio das Cinzas; São José do Rio Maracá; Foz do Macacoari; e Quilombo do Tapereira. Elas foram selecionadas por representarem diferentes contextos socioculturais da Amazônia amapaense.

Destas comunidades, contamos com a participação efetiva de treze idosos, sendo oito do gênero masculino e cinco do feminino e com idades entre 70 e 97 anos. Os critérios de seleção dos participantes foram idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, indicados pela própria comunidade durante as visitas às mesmas, o que permitiu a inclusão de idosos que são reconhecidos pela própria comunidade de origem. Também foi considerado como critério de escolha, os participantes apresentarem estado cognitivo preservado para garantir que pudessem compartilhar de forma clara e consistente seus conhecimentos e experiências, traduzidos nas formas de saberes e práticas culturais do cuidar, do curar e das encantarias, durante as conversas realizadas. Levando em conta as rotinas das comunidades, e, conseqüentemente, horários mais propícios às conversas, as atividades de campo foram realizadas durante as manhãs de sábado.

Os idosos que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento para uso de imagem e voz. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista em profundidade com questões divididas em duas etapas que incluíam questões sobre a trajetória de vida na região, suas rotinas, seus conhecimentos e saberes amazônicos.

As entrevistas ocorreram no domicílio do idoso, com duração de aproximadamente três horas. Foram seguidas todas orientações do Ministério da Saúde (MS) quanto aos cuidados de higiene e distanciamento em função da pandemia por covid-19.

Todas as etapas da entrevista foram transcritas e foram validadas em encontros subsequentes no ano de 2023, possibilitando a inserção, exclusão ou modificação dos dados transcritos, caso julgasse necessário (Meihs; Holanda, 2007). A fim de garantir o sigilo e o anonimato, os colaboradores foram identificados por pseudônimos, nomes de flores que eles próprios indicaram. Salienta-se que a pesquisa só teve início após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, sob o parecer nº. 4.450.614/2023.

Os dados foram sistematizados de acordo com a análise temática de conteúdo, conforme proposição de Minayo (2014), com a pré-análise, composta da leitura flutuante e exaustiva do material coletado; exploração do material, com categorização da análise temática, buscando uma compreensão do texto e categorizando as palavras e expressões significativas obtidas, seguida da interpretação do material e discussão das categorias com referencial teórico.

### **Saberes de idosos e cultura amazônica**

A cultura desempenha um papel fundamental na Amazônia, refletindo as relações e modos de vida da sociedade. A rica cultura da região abrange diversas dimensões, como educação, religião e medicina. Esses saberes são transmitidos ao longo das gerações e se manifestam na memória, inclusive dos idosos, que possuem um valioso e inestimável universo de experiências acumuladas ao longo de suas vidas.

Os idosos são detentores de conhecimentos tradicionais e práticas cotidianas que são essenciais para compreender a cultura amazônica. Suas memórias e vivências são uma fonte preciosa de sabedoria, representando a continuidade das tradições e a preservação do patrimônio cultural da região (Oliveira; Mota Neto, 2004). Ao reconhecer e valorizar esses saberes dos idosos, podemos promover a valorização da cultura local e a transmissão de conhecimentos para as gerações futuras. Além disso, a inclusão dos idosos nas discussões e decisões sobre políticas culturais permite uma abordagem mais abrangente e inclusiva, que respeite e fortaleça a identidade cultural da Amazônia.

É fato que a Amazônia brasileira e amapaense tem uma história humana longa, comprovada por vestígios arqueológicos, como artes rupestres, sítios megalíticos e escavações de poços funerários. Esses vestígios remontam a pelo menos 1.000 anos antes da chegada dos europeus na região, evidenciando a presença ancestral de povos nativos na costa norte do Amapá e leste da Guiana Francesa (Saldanha; Cabral, 2014).

No entanto, a chegada dos europeus desencadeou um processo de genocídio humano e epistemológico na região. O pensamento etnocêntrico europeu foi imposto, resultando na eliminação de muitas formas distintas de pensamento e no esquecimento de conhecimentos tradicionais de diversos povos originários. Esse processo violento e sistemático de obliteração das diversas expressões de modos de vida é denominado de colonialidade, mais precisamente de colonialidade do poder, que continua a influenciar o pensamento latino-americano mesmo após o fim do período de colonização (Quijano, 2005).

Essas sociedades situadas na Amazônia mantiveram relações muito próximas com as florestas, rios, roçados, ervas e seus usos, entre outros, o que possibilitou a construção de um sistema cultural singular – a cultura amazônica, que tem no ambiente rural-ribeirinho sua expressão mais tradicional (Loureiro, 2001). Cultura aqui, entendida não como simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de representações sociais ativas, expressas nas relações intersubjetivas (Fonseca; Nakaiama, 2010).

Esta cultura apresenta-se como um mosaico colorido de mitos, ritos, crenças, valores, saberes e representações do universo caboclo, que expressam o ser e viver amazônico e que precisam ser conhecidos e valorizados (Fonseca, 2003), entre eles os saberes dos mais velhos.

Os saberes dos “velhos”<sup>1</sup> situam-se na perspectiva de saberes negados e silenciados (Santos, 2009), em consequência do projeto de modernidade eurocentrada, no qual as manifestações predominantemente culturais, políticas e econômicas, particulares a este continente, são postas como o mundo humano por excelência, constituindo-se o mundo dos “outros” como o mundo da barbárie, do inumano, da não civilização. Elementos materiais que estão no cerne do que Dussel (1994) denomina de mito da modernidade e que traz implicações de negação e silenciamento dos saberes e da alteridade dos “outros” povos não europeus, e, mais atualmente, não “norte-americanos”.

Nossa concordância com Enrique Dussel direciona-nos para a superação desse paradigma moderno desenvolvimentista, no qual perdura a colonialidade em suas muitas expressões. Motivo pelo qual buscamos sistematizar dados que possam contribuir na (re)fundamentação de um paradigma “outro” de sociedade, que, pluriversal, tenha espaço para o distinto e o plural em horizontalidade.

### **Saberes do cuidar, do curar e das encantarias dos idosos ribeirinhos na Amazônia Amapaense**

Na Amazônia, o conhecer, o saber, o viver e o fazer foram processos predominantemente indígenas. A esses processos foram incorporadas, por via de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, técnicas e motivações, “transplantadas” pelos seus colonizadores e povoadores, além de novos valores aqui aportados por imigrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras.

Na região amazônica, as comunidades tradicionais detêm vasto conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, porém, essas práticas vêm sofrendo interferência direta da medicina ocidental moderna, e da falta de interesse da população jovem em relação aos usos desses saberes, ameaçando o desaparecimento da transmissão oral transgeracional (Amorozo, 2002).

O saber popular dos ribeirinhos na região amazônica revela um conhecimento complexo e profundo em relação à utilização dos recursos naturais para a saúde. Essas práticas de cura das doenças são amplamente utilizadas pelos idosos e pelas mulheres, que são considerados os cuidadores da família.

Os curandeiros, rezadeiras e parteiras desempenham papéis fundamentais na realização desses tratamentos. Eles utilizam chás, infusões e emplastos feitos a partir de plantas medicinais, sempre acompanhados de rezas e rituais tradicionais. Esses sujeitos têm um conhecimento íntimo das propriedades curativas das plantas e sabem como utilizá-las de forma eficaz para tratar diferentes doenças e condições de saúde.

Uma característica marcante nas comunidades ribeirinhas é a presença de canteiros com ervas medicinais ao redor das casas. Essas plantas são cultivadas de forma acessível e estão prontamente disponíveis para serem colhidas quando necessário. Os ribeirinhos acreditam que seus remédios naturais nunca são maléficos, desde que sejam ministrados na dose correta. Esse conhecimento foi transmitido ao longo das gerações, garantindo a sua eficácia e segurança. Nesse contexto, vemos o quanto os idosos desempenham um papel fundamental como guardiões e transmissores desse saber ancestral, acumulando experiências e conhecimentos ao longo de suas vidas.

Para compreender profundamente a realidade dos ribeirinhos, é necessário não apenas reconhecer os mitos e seus significados, mas também incorporá-los em todas as ações e ouvir atentamente as histórias e sabedorias dos idosos. Isso evita interpretações estereotipadas ou reducionistas, permitindo uma compreensão mais holística e respeitosa da cultura e dos valores dessas comunidades.

Além disso, é essencial que boas práticas de políticas públicas sociais e de saúde sejam implementadas nessas comunidades ribeirinhas. Isso inclui o fortalecimento do acesso a serviços de saúde de qualidade, a promoção de programas de prevenção e educação em saúde, e o estabelecimento de parcerias entre profissionais da saúde ocidental e tradicional.

Ao combinar o conhecimento tradicional dos ribeirinhos com as boas práticas de políticas públicas sociais e de saúde, é possível ampliar a qualidade de vida nas comunidades ribeirinhas, incluindo os idosos. Essa abordagem integrada e respeitosa valoriza a sabedoria ancestral, fortalece a autonomia das comunidades e promove a saúde e o bem-estar de todos os membros da comunidade.

---

<sup>1</sup> O autor forja o conceito “velho” para fazer o debate sobre os saberes culturais invisibilizados pelo paradigma das evidências. Todavia, neste artigo, este conceito é usado como sinônimo para designar o termo “idoso”, enquanto categoria que sustenta os saberes e práticas culturais na Amazônia amapaense.

No entanto, é importante ressaltar que essa é uma jornada contínua, que requer o envolvimento ativo e participativo das comunidades ribeirinhas, dos profissionais de saúde e das autoridades responsáveis. Por meio do diálogo, da escuta atenta e da colaboração, podemos construir uma realidade mais justa e saudável para todos.

Destaca-se, na Amazônia amapaense, a importância das espécies vegetais medicinais no contexto dos idosos ribeirinhos. Essas plantas desempenham um papel fundamental nas condições de vida desses idosos, pois eles possuem um vasto conhecimento sobre as plantas e os processos utilizados para o tratamento de doenças.

A integração dos conhecimentos científicos e tradicionais é essencial para a consolidação de práticas de conservação das plantas medicinais. Ao unir esses dois tipos de conhecimento, é possível obter uma compreensão mais abrangente das propriedades medicinais das plantas e dos métodos tradicionais de uso. Isso permite a preservação dessas plantas e a promoção de seu uso sustentável.

Além disso, a valorização e o respeito aos saberes tradicionais não apenas contribuem para a manutenção da biodiversidade, mas também fortalecem a identidade cultural das comunidades ribeirinhas. Ao reconhecer e valorizar o conhecimento e as práticas tradicionais, é possível promover a autonomia e o empoderamento dessas comunidades, além de incentivar a continuidade desses saberes tão importantes para a saúde e o bem-estar dos idosos ribeirinhos. Segue os saberes e práticas culturais produzidos pelos idosos ribeirinhos para o tratamento de doenças no cotidiano na foz do rio Amazonas com o uso de ervas da medicina popular.

Os 12 sintomas, apresentados no **Quadro 1**, revelam a diversidade de ervas existentes para o tratamento desses sintomas identificados na região da Amazônia amapaense, bem como anunciam que os saberes e práticas culturais são oriundos de inúmeras produções de chás, de xarope e suco de frutas.

**Quadro 1.** Remédios produzidos a partir de vegetais da floresta Amazônica.

Sintomas	Erva	Saberes e Práticas culturais dos Idosos Ribeirinhos
Dor de cabeça	Cajueiro	Chá da casca
Diabete	Chicória	Chá das folhas de chicória, com de catinga de mulata, manjerição e de arruda.
Sinusite	Flor de Mamoeiro	Chá da flor do mamoeiro
Dor no estômago	Manjerição	Chá e banho das folhas do manjerição com as folhas de catinga de mulata.
Febre	Boldo	Chá de boldo
Garganta inflamada	Alecrim	Chá das folhas de alecrim com folhas de cibalena.
Gastrite	Andiroba	Xarope de azeite de andiroba com mel de abelha.
Gripe	Noni	Suco da fruta
Infecção urinária	Mangueira	Chá das folhas, com de vassourinha, de jambú e de cana ficha.
Pedra no rim	Bambuzeiro	Chá das raízes de bambú e de maracujazeiro.
Pneumonia	Melancia	Chá com a semente torrada.
Pressão alta	Oriza	Chá das folhas da oriza e da graviola. Banho da raiz

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Outras práticas e saberes culturais existentes na Amazônia amapaense advêm dos animais, eles têm papel fundamental na cura de doenças físicas, que estão associadas a causas naturais e não físicas, como as espirituais ou cosmológicas. As doenças naturais são tratadas tanto pela medicina ocidental, com médicos e enfermeiros, quanto por meio de prescrições fitoterápicas, que frequentemente incluem partes de animais. Seguem, no **Quadro 2**, os saberes e práticas culturais produzidos pelos idosos ribeirinhos para o tratamento de doenças do cotidiano na foz do rio Amazonas.

**Quadro 2.** Remédios produzidos a partir de animais da Amazônia.

Sintoma	Animal	Saberes e Práticas culturais dos Idosos Ribeirinhos
Rasgadura (distensão muscular) e ‘quebradura’ (rompimento de estruturas ósseas).	Cobra Sucuriju	Passar a banha da Sucuriju
Reumatismo e Derrame	Jacaré	Banha do Jacaré
Acidentes cérebro-vasculares (derrame, convulsões infantis, epilepsia), reumatismo, doenças respiratórias (tuberculose, gripe e asma), circulatórias (hemorroidas) e processos inflamatórios;	Peixe Arraia	Gordura da Arraia
Asma e Bronquite	Peixe Pirarara	Gordura da Pirarara
Dor de ouvido	Peixe Traíra	Banha da Traíra

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Quando se trata das práticas culturais, as banhas de animais são utilizadas de diferentes formas para diversos fins terapêuticos. Elas podem ser utilizadas em chás e infusões, tanto quentes quanto frias, podendo ser consumidas puras ou misturadas com mel de abelha ou produtos industrializados, como sebo de Holanda, pomada Minâncora e querosene branca. Além disso, as banhas também são utilizadas topicamente em fricções.

Algumas partes específicas dos animais, devido à sua raridade ou dificuldade de obtenção, são guardadas por longos períodos. A gordura dos animais é retirada de locais específicos, como a parte dorsal em animais terrestres e o fígado no caso de peixes.

Essa diversidade de usos e preparações mostra como a sabedoria ancestral reconhece o potencial terapêutico presente nos animais. Cada parte utilizada possui propriedades únicas que são valorizadas em diferentes contextos de saúde e bem-estar.

É importante ressaltar que a utilização de produtos provenientes de animais deve ser feita com consciência e respeito aos princípios éticos e de sustentabilidade. Devemos buscar alternativas responsáveis e sustentáveis, garantindo a preservação das espécies e o equilíbrio do ecossistema.

Desse modo, não há como padronizar os saberes e práticas culturais dos idosos ribeirinhos durante as produções de remédios para determinados sintomas dos sujeitos na Amazônia amapaense, pois, dependendo do tipo de doença, os saberes são híbridos, ou seja, para uma mesma produção de remédios se têm conhecimentos usados pela fitoterapia (saberes e práticas culturais realizados pelos conhecimentos com o uso de ervas) e conhecimentos oriundos da zooterapia (saberes e práticas culturais usados com animais).

Destaca-se, ainda, que a maioria dessas doenças, conforme as vozes dos idosos, estão relacionadas às encantarias. As doenças de “encante”, causadas por “encantados”, são tratadas de forma específica pelos pajés, por meio de rituais xamânicos. Os pajés têm um profundo conhecimento e conexão espiritual, sendo capazes de entrar em contato com os espíritos e energias que causam essas doenças. Por meio dos rituais, eles buscam equilibrar e harmonizar essas energias, promovendo a cura e o bem-estar dos indivíduos afetados.

Por outro lado, existem doenças que podem ser curadas por meio de orações específicas, conhecidas como rezas. Essas rezas são realizadas por benzedores ou rezadores, que também são detentores de conhecimentos tradicionais sobre o uso de recursos naturais, incluindo animais e plantas. Eles entendem a importância das forças da natureza e utilizam essa sabedoria ancestral para promover a cura e a saúde.

Notamos que diferentes culturas e tradições têm suas próprias abordagens para lidar com doenças e buscar a cura. A diversidade de práticas terapêuticas reflete a riqueza de saberes acumulados ao longo dos tempos, transmitidos de geração em geração.

Os rezadores têm um papel importante no tratamento de doenças específicas, como o “vento caído”, o “mal olhado”, o “quebranto” e o “espanto”. Essas condições são consideradas doenças de origem espiritual ou energética, e os rezadores têm o conhecimento necessário para lidar com elas. O “vento caído” é descrito como um evento em que uma criança pequena cai, se assusta e fica triste, resultando em sintomas como diarreia e vômito.

O “mal olhado” ocorre quando uma pessoa faminta chega perto de uma criança e, por algum motivo, causa desconforto ou mal-estar na criança. Para tratar essa condição, é necessário chamar o rezador, que realizará rezas para neutralizar o “mal olhado” e restaurar o equilíbrio e a saúde da criança afetada. O “quebranto” é um estado mórbido que resulta do “mal olhado” de certas pessoas sobre outras. Isso pode levar a sintomas de prostração, abatimento e fraqueza.

O “espanto” é descrito como um susto ou choque emocional que afeta negativamente a pessoa. Nesses casos, o rezador pode realizar rezas específicas para acalmar e harmonizar a pessoa, ajudando-a a se recuperar do estado de espanto. Essas práticas de cura baseadas em rezas são parte integrante das tradições culturais e espirituais de muitas comunidades. Elas refletem a crença na influência das energias, espíritos e emoções sobre a saúde e o bem-estar.

Em todos esses casos, os rezadores têm rezas específicas para trazer a cura e recuperar a saúde do sujeito. É importante respeitar e valorizar os saberes e práticas culturais dos idosos, reconhecendo sua importância na busca pela cura e pelo equilíbrio tanto físico quanto espiritual.

O termo “encantado” é frequentemente mencionado nas narrativas orais e escritas, principalmente na pajelança rural ou cabocla e nas manifestações religiosas de culto afro-brasileiro. Na pajelança rural ou cabocla, que é uma forma de medicina tradicional brasileira, o termo “encantado” é usado para se referir a seres espirituais ou entidades que possuem conhecimentos e poderes especiais. Esses seres são considerados como guardiões da natureza e detentores de sabedoria ancestral. Os pajés, ou curandeiros, acreditam que podem se conectar com esses seres através de rituais e rezas, buscando sua orientação e auxílio no tratamento de doenças e na resolução de problemas.

Já nas manifestações religiosas de culto afro-brasileiro, como o candomblé e a umbanda, o termo “encantado” é utilizado para se referir aos espíritos dos antepassados e entidades espirituais que são cultuadas e reverenciadas. Esses “encantados” são considerados como intermediários entre o mundo espiritual e o mundo físico, e são invocados durante os rituais religiosos para trazer proteção, orientação e cura.

Logo, é importante destacar que o uso do termo “encantado” pode variar de acordo com a região e a tradição cultural específica. No entanto, em todas essas manifestações, o termo carrega a ideia de seres espirituais dotados de poderes e conhecimentos especiais, que são respeitados e honrados nas práticas religiosas e medicinais.

A atual crença nos “encantados” é resultado da mescla entre saberes e práticas das culturas indígenas e afro em contato com a dos europeus (catolicismo), pois, para Maués (1997), o termo foi ressignificado das narrativas sobre histórias de príncipes e princesas encantadas das fábulas europeias que chegaram ao Brasil e à Amazônia.

Na encantaria, as entidades são de diversas origens, e a sua característica unitária básica é que não morreram, mas se “encantaram”, ou seja, desapareceram misteriosamente (atraídas por outros encantados; tornando-se invisíveis), sem deixar rastro de seus corpos humanos; por isso, não são pensados como espíritos.

O domínio dos encantados é constituído por cidades subterrâneas ou subaquáticas, razão pela qual os elementos da natureza (terra, flora e, principalmente, água) estão intimamente ligados às representações dos locais de morada ou “encantes” (tidos como lugares ou sítios sagrados) dessas entidades. São lugares de alto mistério, de muita energia, e os sensitivos percebem isso, em especial nos lugares mais isolados, que concentram mais força.

Vários encantados apresentam-se aos humanos na forma de animais vinculados ao meio aquático (mar, rios, igarapés, baías, lagos etc.), como cobras, jacarés, peixes, botos etc. (junto a sereias/iaras e à Mãe-d’água). São os chamados “bichos do fundo d’água”, difíceis de distinguir dos animais reais e pensados como perigosos, ao provocarem nas pessoas mau-olhado ou adoecimento por “flechada de bicho” (dores corporais); nesse caso, só um(a) pajé é quem pode cuidar e curar.

É preciso considerar também que os saberes dos idosos ribeirinhos da Amazônia amapaense, mediados pelas práticas culturais do cuidar, do curar e das encantarias, são oriundos de conhecimentos da ancestralidade indígena. Para os indígenas amapaenses, os *Karuãna*, ou Bichos, são pessoas que vivem no Outro Mundo, onde são gente como nós, e que apenas os pajés conseguem ver e se comunicar com eles. Vêm do mar, dos rios, lagos, da mata e do espaço e são espíritos de aves, cobras, peixes, árvores e estrelas. Eles então pedem ao

pajé que realize uma grande festa para eles com dança e caxixi. Mas os *Karuãna* também provocam doenças e até matam, por isso o pajé tem mesmo de fazer o Turé (é uma festa de agradecimento às pessoas invisíveis que vivem no Outro Mundo, chamadas *Karuãna*, pelas curas que elas propiciaram por meio das práticas xamânicas dos pajés.).

Uma das idosas ribeirinhas da comunidade do Rio Preto narrou situação quando foi cuidar da sua roça alguns quilômetros distantes da sua casa em terra firme para dentro da floresta:

*Um dia estava na minha roça e alguma coisa invisível me botou para correr de lá, o mogango (barulho) era feio, minha nora disse que tinha visto rastro de onça ao redor da minha roça, eu fui daqui para ir capinar, só eu, ai eu disse eu vou rodar essa roça que eu quero ver, se era rastro de onça, olha eu tenho muita coragem que fui mesmo. Quando eu chego bem assim um mugango (barulho), aquilo cada vez mais alto, o cú tava que não cabia um cupu (Cupuaçú), ai eu me baixava e me levantava, mas não era possível ver.....tudo que é bicho deixa rastro e esse não deixou.....em toda a região houve esse mesmo relato mas ninguém descobriu o que era (Idosa da Comunidade do Rio Preto, 2023).*

A presença de entidades consideradas guardiãs dos animais e da floresta, conhecidas como “donos/donas”, “senhores/senhoras”, “pais/mães” ou “guardiões”, é um fenômeno notável em várias partes do mundo. Essas entidades representam uma visão animista e vitalista da natureza, em que os seres humanos são vistos como parte de um todo interconectado com os elementos naturais.

Essa visão de reciprocidade e interdependência entre os seres humanos e as entidades mais-que-humanas tem desempenhado um papel importante na proteção da natureza e na resistência ao desmatamento e à desigualdade social causados pela agricultura moderna. A cosmovisão animista valoriza a harmonia e o equilíbrio com o ambiente natural, reconhecendo a importância de preservar e respeitar os recursos naturais, e, de certo modo, contribuem para a preservação dos saberes e práticas culturais dos sujeitos idosos e das diversidades amazônicas.

No entanto, a modernização socioeconômica e a introdução de novas instituições e cultos religiosos dogmáticos, como o cristianismo e o neopentecostalismo, têm levado ao descrédito e à aversão das entidades espirituais da floresta por parte dos habitantes locais. Essas mudanças na cosmovisão e nos modos de vida tradicionais têm impactado os sistemas autóctones de crenças e práticas relacionadas à regulação do acesso e uso dos recursos naturais.

Essa interferência nas crenças e práticas locais compromete a conservação da natureza, pois as instituições e cultos religiosos dogmáticos muitas vezes não reconhecem a importância da interconectividade e reciprocidade com o ambiente natural. Isso pode levar a uma exploração desenfreada dos recursos naturais, sem considerar os impactos ambientais e sociais.

Com base nos resultados evidenciados sobre os encantados e as encantarias, observou-se que os ribeirinhos não fazem uma distinção clara entre as diferentes formas das divindades fluviais, preferindo se referir a elas como “mãe d’água”. Acredita-se que essas divindades possuem o poder de atrair e punir aqueles que não respeitam os rios e florestas, com o objetivo de preservar o seu reino.

As pessoas que são afetadas por essas divindades podem ser levadas para o “fundo”, sofrendo as consequências das “flechadas-de-bicho” ou do “mau-olhado”. Esses termos descrevem os efeitos negativos e prejudiciais que podem ser causados por essas divindades, como doenças, infortúnios ou até mesmo serem levados para o mundo sobrenatural.

Essas crenças e histórias refletem a relação profunda e complexa que as comunidades ribeirinhas têm com os rios e as divindades que os habitam. É uma forma de respeito e reverência à natureza e aos seres sobrenaturais que a habitam, buscando manter o equilíbrio e a harmonia entre o mundo humano e o mundo espiritual.

A “flechada do bicho” é uma doença considerada anormal, com causas não naturais. Seus sintomas incluem dores em alguma parte do corpo, exceto na cabeça e nos encruços. Ao contrário das doenças tratadas pela medicina tradicional, a “flechada do bicho” requer tratamento por um pajé, um curandeiro tradicional.

Os idosos ribeirinhos chamam essas doenças de “malefício”, que podem ter duas causas diferentes. Uma delas é atribuída a seres encantados, conhecidos como “flechadas de bicho”, que são consideradas naturais pelos nativos por virem da própria natureza. A outra causa é

atribuída a malefícios causados pelo homem, quando há manipulação das forças da natureza para prejudicar alguém, conhecido como feitiço.

Essa percepção das doenças como malefícios e a necessidade de tratá-las por meio de um pajé refletem a visão sociocultural das comunidades ribeirinhas. Essas comunidades acreditam na existência de um mundo transcendente, além da experiência cotidiana comum, e veem as doenças como uma prova persuasiva dessa realidade. Neste sentido, o encantado faz parte do cotidiano dos idosos da Amazônia em uma relação de respeito mútuo e ambas contribuem para preservação dos rios e das florestas, pois a saúde dos rios e das florestas influencia na saúde e no bem-estar dos idosos.

Nas comunidades ribeirinhas amapaenses, a natureza é considerada encantada e viva. Os espaços, animais e outros elementos possuíam gostos, vontades, se aborrecem, se agradam, adoecem, mas também curam as pessoas. Desse modo, os saberes culturais mediados pelas práticas do cuidar, do curar e as encantarias contribuem para o bem-estar e a qualidade de vida desses idosos amapaenses.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa cartografou os saberes culturais dos idosos ribeirinhos nas territorialidades de Rio Preto; Rio das Cinzas; São José do Rio Maracá; Foz do Macacoari; e Quilombo do Tapereira, todas localizadas em territórios de Macapá. O objetivo da pesquisa foi chamar a atenção para os cuidados específicos que devem ser direcionados a essa parcela da população, uma vez que o número de idosos tende a aumentar nos próximos anos, especialmente nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

A cartografia possibilitou também a identificação e análise dos saberes do cuidar, da cura e das encantarias, com base na valorização dos saberes dos idosos ribeirinhos, reconhecendo a importância do conhecimento tradicional e da experiência acumulada ao longo dos anos. Esses que possuem um vasto conhecimento da fitoterapia, da zooterapia e dos encantados da Amazônia amapaense.

Além disso, a pesquisa também destacou a importância de se pensar em políticas públicas e ações voltadas para o cuidado dos idosos nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Com o aumento da população idosa, é fundamental garantir acesso à saúde, serviços sociais e apoio adequado para atender às necessidades dessas comunidades.

Essa pesquisa contribui para uma maior compreensão da realidade dos idosos ribeirinhos e para o desenvolvimento de estratégias efetivas de cuidado e promoção de qualidade de vida. A valorização dos saberes tradicionais e o reconhecimento da importância dos idosos são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

A vida dos idosos ribeirinhos da Amazônia amapaense é única e complexa, influenciada pela sua relação com a natureza, os desafios do ambiente ribeirinho e as tradições culturais da região. Compreender suas necessidades, saberes e práticas de cuidado requer um estudo aprofundado e uma abordagem sensível às suas realidades específicas.

A falta de informações e vivências disponíveis ressalta a importância de expandir as pesquisas acadêmicas nessa área e desenvolver políticas públicas mais adequadas para atender às necessidades dos idosos ribeirinhos. É fundamental envolver as comunidades locais, ouvir suas vozes e valorizar seus conhecimentos tradicionais para construir um entendimento mais completo e efetivo.

À medida que mais pesquisas são realizadas e mais informações são coletadas, poderemos adquirir um conhecimento mais abrangente sobre os cuidados, saberes e modo de vida dos idosos ribeirinhos da Amazônia amapaense. Isso permitirá o desenvolvimento de políticas e programas mais direcionados e eficientes, que atendam às necessidades específicas dessas comunidades e promovam o bem-estar dos idosos.

## **AGRADECIMENTOS**

À UEAP, pela parceria científica e às instituições a que somos vinculados.

## REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0102-33062002000200006>.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 out. 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10741-1-outubro-2003-497511-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 1 out. 2017.
- DUSSEL, E. **1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del "mito de la Modernidad"**. México: Cambio XXI; Colégio Nacional de Ciencias Políticas y Administración Pública, 1994.
- FONSECA, M. J. C. F. **A biodiversidade e desenvolvimento sustentável em escolas do ensino médio em Belém do Pará**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.
- FONSECA, M. J. C. F.; NAKAIAMA, L. Narrativas para ensinar-aprender a Amazônia: uma contribuição à educação ambiental em contextos educacionais diversos. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 36, n. 3, p. 143-153, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Amapá: panorama**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama>. Acesso em: 31 nov. 2022.
- LOUREIRO, J. J. P. **João de Jesus Paes Loureiro: obras reunidas, poesia I**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- MAUÉS, R. H. Malineza: um conceito da cultura amazônica. *In*: BIRMAN, P.; NOVAES, R.; CRESPO, S. (ed.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997. p. 32-44.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MIGNOLO, W. D. **O potencial epistemológico da história oral: algumas contribuições de Silvia Rivera Cusicanqui**. Caracas: CLACSO, 2002.
- MINAYO, M. C. S. (ed.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- OLIVEIRA, I. A.; MOTA NETO, J. C. Saberes da terra, da mata e das águas. *In*: OLIVEIRA, I. A. (ed.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas e de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, Grafithe, 2004. p. 37-72.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. Organização Mundial da Saúde – OMS. **No Dia Internacional da Pessoa Idosa, OPAS chama atenção para o envelhecimento saudável**. 2017. Disponível em: [www.paho.org](http://www.paho.org). Acesso em: 01 out. 2017.
- QUIJANO, A. **A colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P. A longa história indígena na costa norte do Amapá. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 39, n. 2, p. 99-114, 2014.
- SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (ed.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23-71.

### Contribuições dos autores

VSCN: Coleta, Sistematização, Análise dos dados. ASD: Coleta, Sistematização, Análise dos dados. CSSN: Estruturação do artigo, Análise dos dados com base em referencial de enfoque cultural. RAM: Revisão do artigo quanto à forma, Análise dos dados com base em aportes da Cultura material.

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli

**Editor Executivo para América Latina:** Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira